

JORNAL: *Correio da Manhã* LOCAL: *Quomacarana*
DATA: *22/05/1960* AUTOR: *Maria Luiza Cavalcanti*
TÍTULO: *"Djanira"*
ASSUNTO: *Djanira entusiasmada, cita Iron*

Quomacarana, 22 de Maio de 1960

correio da manhã

FIGURA NO ESPELHO

"DJANIRA"

MARIA LUIZA CAVALCANTI

"Pintar e viajar são os verbos do meu destino", diz DJANIRA, essa pintora que sabe tudo sobre o Brasil, essa brasileira de São Paulo que reúne o espírito de bandeirantismo do invasor luso e o sentimento de identificação com a terra, característico do índio.

Desde criança Djanira "corre mundo". Acompanhava seu pai, cirurgião dentista sem pouso, caboclo que amava andar de lugar em lugar encontrando clientes. Assim conheceu os Estados de São Paulo, Sta. Catarina, Paraná e chegou às fronteiras do Rio Grande do Sul. Por essa razão seus estudos foram feitos sem continuidade, porém em suas andanças aqui e ali foi aprendendo lições igoradas pelos doutores de anelões. Sempre trabalhou para seu sustento.

Diz Djanira: "pintar e viajar me ensinaram a olhar o mundo, a entender o ser humano e a dar gratidão a Deus pela beleza da existência".

E' autodidata, tendo toda a sua vida recebido apenas cinco meses de aula com Emeric Marcier seu incentivador e lançador.

De 1942, quando fez seu aparecimento como pintora, até o momento, Djanira já fez dezenas de exposições no Brasil e exterior tendo conquistado prêmios nacionais e estrangeiros almeçados por todos os artistas plásticos.

Djanira ama a grandeza do mundo que não acaba. Ama a festa da vida e fica triste quando vê alguém que não sabe sentir o que a vida oferece ou não compreende ou desculpa as dolorosas surpresas. Tem pena do desamor.

Suas viagens sucessivas, trazem-lhe sempre motivos para novos quadros. Pinta o que ama e o que vê sempre fiel à visão simples do artesanato popular e à sua liberdade poética.

Tem trabalhos em vários museus, instituições oficiais e nas grandes coleções particulares, nacionais e estrangeiras.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

1 — Você tem algum tema preferido para pintar ou o faz seguindo a inspiração do momento?

— "Tema não faz pintura, ele pode auxiliar o artista no uso das formas e das cores que é o verdadeiro problema do pintor. Sem dúvida existem os fatores das formas afetivas dos assuntos fatalidade que nenhum artista pode fugir. Tema — forma — cor são elementos indissolúveis no meu trabalho. Pinto o que amo. Sou uma artista identificada com a minha terra e com a vida. Gosto da realidade mais rica de ensinamentos, que as fantasias estereis. Refino-me à realidade no sentido amplo, local, universal, político, social.

revelar bons artistas no Rio e em São Paulo (que não aceitou a liderança carioca), e ligar a arte contemporânea brasileira aos exotismos e anseios que varrem o mundo atual. A importância do concretismo está na construção ou melhor na reconstrução que procura dar à arte moderna em todos os setores da existência. Programa ambicioso e em parte bem nascido. O Tachismo considero um "novo" dadaísmo, atitude romântica da Europa cansada. Vamos ter paciência e esperar que os nossos informais ainda deem alguns bons trabalhos para o Brasil.

3 — Acha possível no Brasil um pintor viver exclusivamente de sua arte?

Uma maior divulgação da

— "Não se pode desligar o artista da hora presente do Brasil. Nos orgulhamos de lutar contra o subdesenvolvimento, pela urgente melhoria de nossas condições materiais. Nós, artistas plásticos em geral, damos uma parcela que não é pequena pelo progresso cultural do Brasil e seu conhecimento no exterior. As Bienais de São Paulo, a notável realização de Niomar Moniz Sodré no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a atividade de P.M. Bardi em São Paulo, a Galeria Macunaima, as exposições dos nossos artistas no conjunto de arte internacional. Nos Estados Unidos, França, Itália, etc., gravadores, desenhistas, pintores, arquitetos e escultores têm sido justamente convidados especiais, contemplados com prêmios de mérito universal. Certa ocasião Villa Lobos afirmou em entrevista que não fora à Europa aprender, e sim para mostrar o que fazia. Pouco a pouco vamos nos libertando de gestos servís de um passado colonial, subserviente, para atitudes de autocríticas dignas, ponderadas e de fé na arte, na cultura brasileira.

5 — Qual a viagem que lhe deixou impressão mais marcante e por quê?

— "Tive algumas viagens que mais me impressionaram: minha estada no alto sertão baiano com os vaqueiros, a travessia da Cordilheira dos Andes, a de Nova York, a de Moscou, a do Planalto Central Brasileiro, e da Zona da Mata em Minas Gerais.

Entretanto foram as impressões de paisagens desoladoras, algumas absurdas, que marcaram minhas caminhadas. Até hoje sinto horror quando tenho as lembranças do campo de

Scliar preocupado comigo, dizendo que eu não devia ter visitado o campo de concentração. Senti a nobreza, os cuidados do Scliar com meu sofrimento, que ele bem compreendia porque fez na FEB a guerra antinazista, na Itália. Nunca disse para ele o quanto lhe devo de apoio para entender aquela paisagem horrível, de nojo e dor.

Alcântara, no Maranhão, onde estive recentemente, é uma cidade que morreu de desprezo, de esquecimento. Sua rua principal, se chama da Amargura, e toda ela é uma revolta de pedras de cantaria, desmoronadas dos casarões, verdadeiros palácios antigos. A gente se entristece por aquela cidade que já foi rica e cantava prosa no Nordeste. Hoje Alcântara é ruínas de igrejas, sem milagres, de casas, sobrados descarnados de azulejos, Espantou-me a fuga do povo que abandonou a cidade, hoje habitada em maioria por presidiários que conheci e estimei pelo respeito que dedicaram a mim e à gravadora Ana Leícia. Criminosos, ladrões e assassinos perambulam nas ruínas, trabalhando lutam pela sobrevivência. Difícil entender a regressão dos meios de existência, o primarismo dos recursos. Caça e pesca elementar fazem o sustento de uma população perdida na geografia e na memória. No meio de tanta miséria duas esperanças humanas, as freiras canadenses dando a caridade do Cristo, a bondade, recitando e medicando, e o arquiteto do Patrimônio Histórico — Pedro Alcântara — que quer salvar a cidade da tristeza fazer um museu que relembra sua história imperial. Ele quer devolver a Alcântara do Mara-



figurativo e até abstrato. Como as cores, a realidade é um jogo sem fim. Não tenho medo daquilo que me cerca: o povo, a liberdade de ritual das festas coletivas, gosto do calor e mistério da figura humana, da paisagem e do trabalho do dia a dia. Nestes temas é que naturalmente vou buscar os "meus" assuntos. Não somente pelo assunto mas pelo muito que ele me dá como estímulo, novas composições, novas formas e cores. A realidade é tão difícil pesquisa como as pesquisas de quadros, triângulos, círculos, manchas informais que hoje compõem grande parte da arte moderna. O que vale enfim é a liberdade do artista, decência profissional e coragem de tirar de si mesmo o valor chamado de boa pintura. Quanto à inspiração tenho minhas dúvidas que seja o suficiente para um artista. Inspiração não é método de trabalho. Estimo a técnica que se usa num quadro, gosto do artesanato da atividade silenciosa de luta íntima frente à tela. Um quadro é sempre um problema de múltiplos valores que não pode depender da alegoria da inspiração.

2 — Quais os valores mais importantes da nova geração e por quê?

— "Tenho admiração e carinho pelos artistas da nova geração. Sei o quanto de luta eles enfrentam, o sacrifício e disposição que guardam em si. A luta destes jovens entendendo bem porque, com variações, é a mesma pela qual já passei. Dos jovens artistas destaco Lígia Clark a maior revelação dos últimos dez anos. O valor da sua obra a meu ver, está na justeza entre o que sabe, pensa e executa. E o que vale; sabe executar bem. A beleza pura, linear, arquitetônica que imprime ao que faz quase justifica a balbúrdia, a conspiração concretista nascida nas bienais de São Paulo, que desnorteam muita gente, truncaram valores e vocações. Cito Lígia Clark em especial porque acho que foi a única, até o momento, que se realizou, que não se perturbou no sistema traçado. No Rio, o movimento concretista forte em normas teóricas, gravitou no grupo frente e não é possível esquecer Décio Vieira, Ivan Serpa e Aloísio Carvão. Mas a inquietude continua crescendo, agora surgindo os "informais" "tachistas" de quem seria preclitado indiar artistas. O movimento é novo (de meses entre nós) e não está delimitado. O concretismo no Brasil, se excluímos os exageros naturais da batalha, veio

arte nos suplementos e revistas, um movimento crítico sadio, a instalação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro com seus cursos, os cursos de Arte em São Paulo, a instalação de galerias, modificaram de algum modo o mercado de arte entre nós. Um trabalho lento de alguns anos que começa a mostrar resultados positivos. Os culturais são mais visíveis, de fácil demonstração, enquanto os econômicos mais particulares, dão ao artista uma possibilidade maior de viver de seu trabalho. A instalação da Galeria Bonino, de caráter internacional, mostra que existe potencialmente um mercado de Arte no Brasil. Sou um dos raros artistas brasileiros que vive exclusivamente de pintura. Não tenho empregos públicos nem bens de família.

4 — Considera importante o atual movimento brasileiro no setor das artes plásticas?

concentração de Auschwitz, na Polónia. A arquitetura rasantemente dos pavilhões, os fornos crematórios, avenidas de forças, pirâmides de sapatos, paredes de fuzilamentos, montanhas de brinquedos de crianças sacrificadas pela maldade infame. Isto eu vi e não esqueço a lição da história. Confesso que pela primeira vez tive a consciência de responsabilidade maior perante todos. O dever de me interessar pelas suas existências, de dar o melhor da minha alma do meu amor, de lutas e orações. Conheci o pânico, o terror se desencandearam em mim. A noite de lágrimas que passei sozinho, rezando para que o mundo fosse bom, sem ter ninguém com quem me comunicar, de chorar com alguma pessoa, de pedir socorro contra a cena de ódio levantada em Auschwitz. Pensei em regressar ao Brasil logo e logo, quando encontrei o pintor Carlos

nhão, uma alegria que cante na alma da gente.

6 — Qual a missão mais importante da mulher seja pintora, escritora, atriz... em que exerce qualquer atividade pública?

— "A missão mais importante da mulher é ser mãe. E' a de atuar com função humana, social, dentro da sociedade. A mulher não deve se ausentar dos problemas político-econômicos que afligem a humanidade, da qual tem obrigação de participar orientando com os homens os destinos do mundo. Como pintora tenho a finalidade do meu atelier por não ter jamais deixarei de me interessar pelos problemas da carestia, racismo, ameaças de uma nova guerra e pela campanha da Paz, com coragem e sacrifício.

Nós mulheres devemos guardar o sentimento da serena perpetuidade da vida."